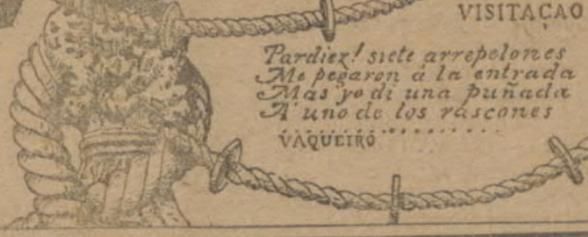




GIL VICENTE

Semanário Monárquico-Integralista
(Litterario e Noticioso)
Orgão e propriedade da J. M. Integralista local
Redacção e Administração:
AVENIDA DO COMÉRCIO



Paradix! siete arrepolones
Me pegaron á la entrada
Mas yo di una puñada
A uno de los rascones
VAQUERO

Director e editor, **Pedro de Freitas.**
Secr. da Redacção, **M. A. d'Oliveira.**
(a quem deve ser dirigida toda a correspondência)

Composto e impresso na Typ. Minerva Vimaranesa
Rua de Santo Antonio, 133 e 135

UNIDOS E DISCIPLINADOS

Ninguém tem maiores desejos do que nós de que estas lutas mesquinhas acabem por uma vez para dar lugar á grande batalha contra a ré pública. Mas, para o poder fazer, urge quanto antes manter-se cada um no seu posto e disposto a lutar decisivamente porque a hora que passa é grave e a Nação não pode estar sujeita a ruínas campanhas entre irmãos do mesmo crêdo político que a há-de tornar grande e próspera sob a bandeira immaculada que tem as cores formosas do lindo céu de Portugal!...

Estarão dispostos todos os monárquicos portugueses a abandonar de vez meras questões de ordem pessoal e interesseira?

Pela parte que nos toca, nós os integralistas de Guimarães, soldados obediêntes ás instruções da patriótica Junta Central, estamos prontos a não mais dar combate aos despeitados que levam o seu combate ao ponto do insulto grave e da intriga audaciosa, querendo tirar as mais torpes conclusões, a que jamais poderemos chegar porque a nossa consciência de monárquicos e de portugueses está bem orientada e precisamente educada para deliberar sobre o que melhor convenha aos supremos interesses da Nação e do Povo.

Nós temos o direito de escolher. E quem diz—nós—julga interpretar a vontade da mocidade portuguesa que hoje sabe porque quer a Monarquia.

Sendo o Integralismo Lusitano um agregado nacionalista, onde se reza sómente o idioma de Camões, sentimo-nos bem com êle e com êle estamos, por tudo e apesar de tudo, não consentindo—sabam-no aqueles que porventura ainda nos não ouviram—que ninguém salte por cima dêle, calcando sem respeito, os seus princípios, que são sagrados, sob pena de cometer um criminoso acto de rebeldia e de indisciplina. Todos sabem, toda a gente sabe os motivos porque a Junta Central do Integralismo Lusitano rompeu abertamente com o último representante duma Monarquia, que a verdade histórica e a ordem política condenam. Por razões bem distintas e palpáveis, não convinha ao Sindicalismo das Corporações Municipais e Provinciais da Monarquia um Rei que, denunciando amigos nossos, não quiz ouvir a verdade pela boca de quem, lialmente, esteve ligado á Causa que representava. Nós, por um lado, não deixamos de dizer que o Senhor D. Manuel procedeu mais ou menos com consciência, demais a mais lembrando-se o representante do constitucionalismo do juramento que fez de defender a Carta ao tomar sobre os seus ombros a responsabilidade de Rei; mas, por outro lado, também, o Senhor Dom Manuel devia receber, mais reflectidamente e com mais sangue frio, os dedicados e ilustres representantes que não eram dum partido, mas sim duma Causa á qual estava ligada a Sua Pessoa, como Chefe da Nação, que ha-

via de ser o Protector das Classes adentro do Estado orgânico como o quer e reclama a grande maioria incluindo os seus próprios partidários que obrigá-lo hão a rasgar a Carta ou, então, se algum valor literário tem—porque político não lho reconhecemos,—a guardá-la entre os papeis velhos da Torre do Tombo para a posteridade ver o mostrengo desse documento, que, durante cem anos, foi a causa da desordem e da anarquia entre as diferentes camadas sociais acabando por dar a morte trágica a um Grande Rei, que o começava a ser, apesar de tarde, e a um formoso Príncipe, que era a Esperança redentora desta Pátria, vindo a terminar no advento dum regime que veio escavar e deitar por terra as bases naturais em que assentavam as velhas e primitivas instituições que fizeram grande e invejada dos estranhos o nosso lindo e religioso Portugal!

Dizem-nos que hoje já não há quem queira a Carta; que a futura Monarquia tem de ter processos novos, gente nova, enfim, tem de ser uma completa e verdadeira Monarquia. Noval Estamos de acôrdo! E mais de acôrdo estaremos se, á sua frente, virmos um outro Rei—para ser tudo novo—porque o Senhor D. Manuel há-de ter quem lhe sobre aos ouvidos que não se desfaça da Carta para continuar a haver chefes de bandos políticos. Não! O Senhor D. Manuel não deve ser o Rei da futura Monarquia Portuguesa!...

Negando-se—impondo a sua consciência e o seu juramento—a cumprir os eternos princípios que Seu Avó D. Pedro IV ultrajou e cuspiu, também não é lógico nem racional que, depois dêles restaurados, o Neto de Pedro IV ultraja e cuspa nos falsos princípios dos chefes da revolução liberal e maçónica de 1820!...

Esta é que é a verdade. Nada valem os, confessamos.

No entanto á nossa voz ha-de ouvir-se bem alto, na hora própria e quando o Dever do Sacrificio exija o nosso tributo. Sabemos aclamar Dom Duarte II como Rei de Portugal; e os operários, imitando a plebe de 1640, sairão para as ruas e praças das cidades e vilas de Portugal a impôr a sua vontade e o seu querer, que Manuel não damos um passo; pelo Senhor Dom Duarte Nuno damos um, dois, três, todos os que forem precisos!...

Unidos e disciplinados, aqui estamos prontos para o combate sem tréguas contra o inimigo comum—a ré pública—desprezando essas lutas mesquinhas que a vaidade pessoal moveu numa hora bem infeliz, que o despeito e um mal entendido provocaram. Temos esperanças em melhores dias e estamos certos de que aqueles que hoje estão contra a Junta Central do Integralismo Lusitano hão-de emendar-se e penitenciar-se um dia dos seus erros...

E bem graves sam êles!

DOMINGOS RIBEIRO
Operário integralista.

"OS MANUELISTAS,"

Num pomposo e mirabolante *suelto* dum sueltista de feira, volta novamente o orgãozinho «manuelista», *O Comércio*, a tentar impingir-nos a zurrapa que lhe abunda lá por casa. Julgavamos que *O Comércio*, e os seus sueltistas, já se mostrassem satisfeitos com o que aqui ficou dito; mas como tal não acontece, como o corpo lhe está pedindo folia para continuar a sua dança... de urso, vá então continuando *O Comércio*, e os seus sueltistas, a dançar, que nós cá estamos para lhe tocar pandeireta.

Os «aldegundes». E' a dança com que os sueltistas de *O Comércio* e *O Comércio* dos sueltistas nos mimosiam no seu número de relatório n.º 3.513. Os «aldegundes». Nem mais, nem menos. Ora nós, antes de mais nada, vamos responder-lhe á epigrafe, pondo em paralelo as virtudes e a acção da Senhora Duquesa de Guimarães, D. Maria Aldegundes, com as virtudes e a acção do sr. D. Manoel, na epopeia da Galiza. Enquanto que a sr.ª D. Aldegundes palmilhava as terras da Galiza levando aos soldados da Guerra Santa a coragem, para que não desfalecessem na luta encetada, enquanto que a sr.ª D. Aldegundes ia provendo os nossos soldados de material de guerra necessário, praticando os maiores sacrificios quer moral quer monetariamente, poderá *O Comércio* dizer-nos onde se encontrava o sr. D. Manoel e quais os sacrificios por êle praticados?

Já por ocasião da *Proclamação ao País*, alguns jornais republicanos, entre os quais *O Tempo*, se referiram á acção da sr.ª Duquesa em termos muito penhorantes. O próprio *O Mundo*, referindo-se aos *Voluntários da Regente* fez ás seguintes referências, que nós recomendamos aos sueltistas de *O Comércio* e ao *O Comércio* dos sueltistas: «Segundo informa um jornal da grei alguns rapazes integralistas vão organizar um grupo que denominam: «Voluntários da Regente», a qual regente é a sr.ª Aldegundes—uma das mais famosas conspiradoras contra a República portuguesa (os sublinhados são nossos). Depois, continua: «E' uma mulher de armas que esteve na Galiza a animar os incursionistas, que os sustentou durante algum tempo; que os incita a conspirar, mostrando qualidades varonis». Ora aqui tem *O Comércio*, e os seus sueltistas, o que é e o quanto vale uma Mulher, que ha-de ser a nossa Rainha, em paralelo com um Homem, que *O Comércio* e os seus sueltistas querem fazer Rei.

Quanto ao que nós afirmamos acerca das causas que desarmaram o 19 de Janeiro, logo do seu início, terá *O Comércio*, e os seus sueltistas, a confirmação deste caso nas *Cartas Patrióticas* do grande escritor José Agostinho e numas outras cartas, entre as quais umas de *Mariote*, em que, logo após a restauração, se reclamou uma Monarquia no-

ECOS DA SEMANA

COMENTANDO...

Não só sei acusar como também sei defender. Assim, pois, nesta secção, onde só o *DOMINÓ AZUL* mete o bico, eu fiz umas referências, embora duras, mas justas, ao chefe da nossa policia, a propósito do seu comportamento como autoridade. Dizem-nos que a sua illustrissima pessoa foi á parede com a minha prosa. Talvez não, respondi; o chefe será o primeiro a reconhecer que tive razão, dando a sua mão á palmatória como culpado. O Torres, sabendo isso mesmo, mostra que ainda se lembra da moral cristã, que ensina a castigar os que erram. Ora eu, castigando-o, cumpro um preceito das Obras da Misericórdia.

Hoje, porém, venho premiá-lo porque uma noite destas meteu no «piolho» dois vagabundos de 15 anos, aproximadamente, que se encontravam assentados numa pedra contigua a um dos arcos da Câmara que dá para a Praça de S. Tiago.

Era hora e meia, lembra-se? Assobiavam e cantavam muito satisfeitos da vida de vadios quando você lhes appareceu a convidá-los para o hotel.

E' assim mesmo que se faz, sr. chefe! E continue, não se esquecendo de, quando em vez, fazer uma visita aos cafés manhosos que por aquele recinto existem... Olhe que são verdadeiros antros de immoralidade e de jogatina... Fazendo isto, creia, merece só louvores.

O sr. dr. Martins Fernandes está doente. Sua ex.ª é o sub-delegado de saúde e, portanto, é a quem compete a segurança da saúde pública. Mas, como o sr. dr. Fernandes não pode atender ao problema da hygiene, por estar doente, com certeza que há alguém a substituí-lo no seu impedimento. Quem é? Precisamos de quem no-lo diga para nos queixarmos abertamente a sua ex.ª.

Há ruas que precisam de visita médica, como sejam a rua Nova, a rua de D. João, a praça de S. Tiago, etc. Sua ex.ª deve mesmo examinar as habitações olhando, com olhos de ver, o estado em que se encontram, pois senhorios há que, não obstante roubarem os seus caseiros, impondo-lhes rendas avultadissimas, pouco se importam com a saúde dos seus inquilinos que justamente se lhes queixam recebendo como resposta que «quem não estiver bem que se mude». E dão estas sêcas e atrevidas pala-

yras porque sabem que a falta de casas é manifesta e o bairro operário, prometido para quando a via publica servir de hospital ou de cemitério, não passou do cérebro de criaturas que só politica de campanário sabem fazer. Prometemos voltar ao assunto, mas quando o fizermos, creiam os amigos senhorios, será ásperamente.

Queixa-se-nos alguém de que o seu senhorio, apesar de todas as reclamações, pouco se importa com o estado miserando e anti-higienico em que se encontra a sua casa. Ao illustre sub-delegado pedimos uma victoria intimidando os proprietários das habitações em estado de putrefacção a fazerem as necessárias reparações. E se não quizerem cumprir as suas ordens, sr. dr., tem um caminho a seguir—cadeia com êles porque são conscientes assassinos dos seus semelhantes.

Continua a falar-se ainda nas célebres eleições assim como também vão apparecendo todos os dias pretenciosos candidatos que alimentam a esperança de o sr. Toméinho os levar até á manjedoura de S. Bento. Como não acreditemos nessa autêntica porcaria eleitoral, daqui rogamos aos illustres representantes da mentira do sufrágio que não se esqueçam dos seus estomagos e da defeza dos *sagrados principios* que tem elevado ás culminâncias do poder verdadeiros patifes, autênticos ladrões!

Temos de falar claro chamando ás coisas pelo seu verdadeiro nome. Aqui não se treme nem se vacila. A ré pública tem de acabar, custe o que custar, sofra quem sofrer. Nisso está empenhada a dignidade dum Povo, o interesse da Nação. E, se assim se não fizer, então será melhor chegar o lume a tudo isso começando pelos judeus da Pátria, acabando nos *bernardinos* do ódio vermelho.

Alguém que deseje fazer uma reclamação justa pode fazê-lo enviando-nos, em carta fechada, as suas queixas. Devem fazê-las devidamente autenticadas e sem se importarem com a baixa politica. A mais completa imparcialidade impõe-se porque esta secção é uma tribuna livre. A correspondência deve vir assinada e tem de ser dirigida para o

DOMINÓ AZUL.

va, fora dos moldes mindelistas da Monarquia falecida em 910.

Relativamente á história do governo civil de Portalegre—*inpartibus infidelium*—convem desde já acentuar que *êle não foi pedido*. O que foi pedido, quando se tratava da nomeação das autoridades administrativas, é que não nomeassem ninguém sem primeiro o ouvirem. «Porquê? Querem-o para si?» — «Não! Mas é a mesma coisa». E ao outro dia, com o espanto do próprio interessado, appareceu a noticia da sua nomeação, contra a qual não protestou por aquêle natural decôr de quem passaria, por isso mesmo, quasi tres anos fora da Pátria, enquanto muitos e honrados patriotas, como aquêles que agora o atacam, se passeavam por cá comodamente, com o maior conforto, de mistura com vários republicanos, chegando alguns a colaborar em órgãos que atacavam, por todas as formas e feitiços, as pessoas que tinham prestado o seu concurso á restauração. Logar meramente decorativo, diz o sueltista de *O Comércio*, em transcrição do órgão do rei da Barroca. Claro que não foi *lucrativo* como alguns outros lugares

exercidos por várias pessoas que o órgão do rei da Barroca conhece muito bem. O sueltista de *O Comércio*, se quizer, pode para lá pedir informações.

Até nisso os srs. manuelistas, nos prestam uma homenagem de comedora justiça, contando com a nossa pobreza futura e não duvidando nem um só momento de que a prosperidade nos negócios lhes continue a sorrir! Pois podem gabar-se de que lhes tem tocado a ganhar, quando a maior parte tem tocado a perder. Donde o concluir-se que os lugares que alguns exercem e outros vão exercer não são simplesmente *decorativos*, como o do governo civil de Portalegre...

Podíamos ainda alargar as nossas considerações. Porém julgamos que o que fica dito é já sufficiente. O resto ficará para outra ocasião, se *O Comércio* e os seus sueltistas desejarem continuar.

Depois *O Comércio* e o seu sueltista, o que muito nos alegra, vem afirmar, apesar do juramento tantas vezes invocado pelo sr. D. Manuel de Bragança, que a *Carta Constitucional*, não é essencial á restauração da monarquia lá dêles. E' o que se desprende daquêle «pugnar pela Mo-

E' encerrado por Bernardo de Vesins por entre

VIVAS A' FRANÇA E AO REI

Paris, 25.—A ultima sessão do Congresso realizou-se hoje á tarde, falando os secretarios regionais **Jamain**, pelo Poitou e pela Charente, **Elie Jacquet**, pelo Limousin, e **Dupont**, pelo Norte. Todos constatarem o extraordinario desenvolvimento da organização integralista nas suas regiões.

Jamain expõe os meios de acção para a propagação das ideias monarchicas, dos quais os principais são a difusão do jornal e as conferencias. Para que estes meios — e principalmente o primeiro — sejam eficazes, é preciso dinheiro.

Elie Jacquet fala sobre a *Gazeta do Centro*, órgão do comité rialista.

Maurice Dupont faz uma admiravel exposição do estado da organização e da propagação na sua região.

Em seguida, **Bernardo de Vesins** faz o elogio dos secretarios regionais da *Action Française*.

M. Le Cour Grandmaison lê o seu relatório sobre o Comité de Estudos legislativos e sociais.

Challamel faz o elogio dos mortos da *Action Française* caídos no campo da honra e lê em seguida uma bela pagina escrita com o seu coração de pai e de francês para servir de prefacio a esta lista gloriosa. Este prefacio será em breve publicado.

Emile Beau lê o relatório sobre os estudantes dos liceus.

Maurice Pujo sublinha o papel que os rapazes tiveram na manifestação a Joana d'Arc. O grande numero de estudantes que nela tomaram parte, apesar das vagas abertas pela guerra, é um testemunho desta força intelectual e desta organização que ha-de permitir que um dia a *Action Française* constitua a armadura do mundo escolar.

Henry Longnon lê o relatório

sobre o Instituto da *Action Française*.

Para terminar, a **Marquiza de Mac-Mahon**, dirigente das Damas Rialistas, lê o seu relatório sobre os trabalhos das secções da provincia. Diz que o papel das senhoras é — ajudar. O homem dirige, a mulher ajuda, encoraja, occupa-se do detalhe, da economia, e, sempre um pouco, da cosinha...

Do Sul, a **condessa de Gallard Terraube** informa que por toda a parte se ouve discutir, criticar, louvar a *Action Française* e os seus chefes.

Cita varias illustres senhoras que tem trabalhado com a maior dedicação pela *Action Française*.

Mademoiselle de Kerret, pelas Raparigas Rialistas, fala das festas, das vendas, dos concertos, dos bailes organizados por elas em beneficio da *Action Française*.

Termina, orgulhando-se legitimamente por um artigo onde Maurras escreve que *elas tem servido bem*, e afirmando que as Raparigas Rialistas sentem que a hora é grave e votarão todos os seus esforços ao serviço da Patria. Sauda a sua gentil presidente de honra, S. A. R. a Princesa Genevieve de Orléans.

Bernardo de Vesins fecha o Congresso com esta afirmação que é entusiasticamente aplaudida:

«E' profundo em nós o sentimento dos deveres que vossa dedicação nos cria. Nada será esquecido por aqueles que vós chamais vossos chefes e que são aqueles que marcham á vossa frente. Eles não se afastarão já mais do exercito sempre crescente dos Franceses que querem salvar a Patria pela Monarquia.»

No proximo numero daremos um extracto do banquete de encerramento deste admiravel Congresso.

ÉTIENNE DUBOIS.

Cartas da minha Terra

Era já tarde. Deus com uma de Suas Mãos levantava já do Oriente a meiga e carinhosa Lua, enquanto que com a Outra abaixava para o Ocidente o benefico e brilhante Sol.

Já as aves, chilreando, deixam os povoados e acodem aos seus ninhos, os rebanhos, balando, dirigem-se para os seus curraes e o homem abandona os trabalhos agricolas ou manuaes, e vae para sua casa, onde o esperam sua mulher e filhos ou seu paes e irmãos.

Mimi, creança de 10 anos de idade, filha de pais abastados, pede-lhes licença para ir passar aquella noite a casa de sua avó, o que obtem.

Leonor, mulher já octogenaria, mas gosando de todas as facilidades como se fôra menina e moça, parecendo o seu cabelo uma estrega de linho, está sentada na cosinha, enquanto Mafalda, sua fiel serva, rapariga das suas 25 primaveras e que lóra creada nesta casa desde pequenina, pois ficara orfã de pai e mãe, estava preparando a ceia.

A porta estava fechada. Uns compassados *tru, tru, tru* se se fazem ouvir.

— Quem está? Perguntou a velha.

— Sou eu, minha avozinha. Abra a porta.

A porta gira sobre os gonzos e deixa entrar a menina Mimi.

— Seja louvado e adorado Nosso Senhor Jesus Cristo, disse a creança.

— Para sempre seja louvado no Céu e na terra, respondem ama e creada.

Mimi pôz com seus tenros brachinhos um colar no pescoço de sua avó.

Nisto o bronze do campanário anuncia que o dia terminou e convida os viandantes deste Vale de Lágrimas a resar as Avé Marias.

As três levantam-se e diz a velha: *O Anjo do Senhor... Eis as Escravas do Senhor... E o Verbo se fez carne...*

Finda a Oração que liga os homens a Deus, Leonor pergunta:

— Então, Mimi, já deves saber muita doutrina? Pois andas na escola...

— Não, avozinha, porque a nossa professora diz que na escola se não pode falar em Deus e Sua Religião.

— O que dizes, filha!... Pois na escola não se ensina Doutrina?

— Não senhora. Ela diz que o governo proibiu esse ensino.

— E porque proibiu o ensinar-se a nossa Santa Religião?

— Diz ella que ha uma lei que proíbe expressamente ensinar o catecismo, porque na escola andam filhos, cujos pais são ateus, materialistas, nacionalistas, protestantes, maçonicos; em suma acatólicos e que não estão obrigados a ouvir o *Padre Nosso*.

— Também os filhos dos católicos não estão obrigados a serem tratados como *esses tais*, e tem o mesmo direito de serem instruidos nas Máximas do Evangelho, como os filhos dos acatólicos tem direito de o não serem. Nós também somos cidadãos portugueses que pagamos os direitos ao estado como esses figurões a quem a vontade é feita.

— Mas, minha avó, no tempo da Monarquia aprendia-se na escola a Doutrina?

— Aprendia sim, mas esses tempos já lá vão e hoje estamos no tempo da civilização e da instrução... Para se tornar a falar em Deus na escola é necessário e urgente restaurar-se a Monarquia, não uma Monarquia como a que acabou em 1910, mas uma outra que seja tradicionalista, or-

COLÉGIO ACADÉMICO

Campo da Misericórdia — GUIMARÃES

A mais antiga casa de educação e ensino desta cidade. Edifício higienico com amplos salões para dormitórios e estudos. **Sólida alimentação, abundante e variada. Recebe alunos internos, semi-internos e externos para instrução primária, comercial e secundária.** Esta com matricula no liceu. A orientação do ensino é cuidadosa sob a vigilância do seu corpo docente que é selecto. Pedidos de admissão aos directores e professores: **Dr. Alfredo Peixoto**, Luiz Gonzaga Pereira, Dr. Aventino Lopes Leite de Faria, Dr. Padre João Luiz Caldas, Dr. Augusto Bernardo Marques, Padre Francisco de Assis Pinto dos Santos, Major Francisco Ferreira.

ganica e que é a Monarquia Integralista.

Tudo o que estás ouvindo são para ti mistérios, porque és ainda muito creança, porém tempo virá em que tu decifrarás este enigma. Para te mostrar o que pensam os governos de certos países acerca da Religião Católica, vai á minha estante e traz-me o livro X.

A creança levanta-se e vai buscá-lo seguida de Mafalda que levava uma vela acesa, entregando depois o livro á sua avó.

Leonor abre o livro, pede atenção e começa.

Na Hespanha, o ensino religioso faz parte da instrução primária e secundária.

Por decreto de 25 de janeiro de 1895, creou-se uma cadeira de Religião nos Institutos ou Liceus, tendo-se tornado há pouco obrigatórias a matricula, a frequencia e o exame final neste curso, excepto para os que declaram que não professam a Religião Católica.

Na Austria apesar de haver lá muitos protestantes e judeus e de ser grande o império do livre pensamento, o ensino religioso achase largamente estabelecido nas escolas de instrução secundária.

Na Prussia, é também obrigatório o ensino religioso nos institutos e escolas, apesar de ser protestante o país e de serem os católicos apenas uma minoria consideravel. Ha 6 anos declarou-se que todos os que concorrerem a empregos devem apresentar certidão de que cursaram alguma religião, sendo preteridos os ateus e livre pensadores.

A Italia tem nas suas escolas eclesiásticas encarregados do ensino católico e dos actos do culto.

A própria Inglaterra conservou o ensino religioso nas suas escolas. Apenas são dele dispensados individualmente os que não quiserem receber essas instruções.

Sernancelhe, Julho 27/920.

(Continua)

P.º Candido A. Ramos Caldas.

Papel de impressão P-2
Vende-se na redacção deste semanario.

CALÇADO
PARA HOMEM, SENHORA E CRIANÇA
Fazem-se concertos
Ver os preços desta casa
CARVALHO & CASTELAR
R. de Gil Vicente

Ex.º Sr.

Pop Guimarães

AS FEIRAS GUALTERIANAS

Principiam no proximo sabado as feiras Gualterianas, com o seguinte programa:

Dia 6 — Alvorada. Feira de gado bovino e suino no largo do Campo da Feira, onde se encontram instaladas diversas barracas. Pelas 14 horas reúne o Juri para a classificação dos exemplares expostos de gado bovino e suino. A' noite, arraial com iluminação e concerto pela banda dos Guizes.

Dia 7 — Ultimo dia das feiras. Neste dia realiza-se a feira de gado cavalari a que concorre a Comissão de Remonta do Exército. Este ano deve ter concorrência extraordinaria pela avultada importancia a distribuir em premios aos melhores expositores.

A's 16 horas, corrida de cavalos. A's 17 reúne o Juri para a classificação do gado cavalari, e ás 18 distribuição de premios a todas as classes de gado.

E' uma tarde festiva, alegre, com diversão e musica. A' noite, festival no Campo da Feira, com iluminações e concerto pela distinta banda de infantaria 20.

Os donos dos animais concorrentes devem inscrever-se até ao dia 4 de agosto proximo, em casa do teoureiro da Associação Commercial, snr. Camilo Lafangeira dos Reis, á praça de D. Afonso Henriques.

Professores Interinos

Nos termos do Regulamento — art. 85 — a Junta Escolar do concelho de Guimarães, abriu inscrição para a regência interina das escolas vagas do concelho, desde 1 a 15 de Agosto proximo, devendo os candidatos apresentar na Secretaria da Junta ou na Inspeção Escolar os respectivos requerimentos legalmente documentados — art. 86.

O respectivo edital está afixado á porta das Escolas Centrais a Santa Luzia, onde estão instaladas as Secretarias da Junta e da Inspeção.

Pela Penha

Subscrição de auxilio para as obras a realizar no pitoresco e formoso Monte Santo da Penha.

Transporte. 1.066\$30

Pereira & Bacelar, Succesores (Porto)	10\$00
José Florencio Soares & C.ª, Succesores (Fafe)	100\$00
A. Vieira, Limitada (Lisboa)	25\$00
Jeronimo Martins & Filhos (Lisboa)	50\$00
Paiva, Bianchi & C.ª, Limitada (Porto)	5\$00
Carvalho & Irmão (Porto)	100\$00

a Transportar. 1.356\$30

narquia da Inteligência e do Trabalho». Agora o que é menos verdade é que o sr. D. Manuel seja o primeiro a reconhecer a necessidade de uma *Monarquia Nova* — com homens novos e processos novos. O sr. D. Manuel disse aos delegados do Integralismo Lusitano que a Monarquia a restaurar, por meio da luta legal, havia de ser a monarchia da carta, e so essa.

Quanto á deserção do sr. Padre João Caldas, somente lhe dizemos que ella é efectuada nas mesmas condições morais da do sr. Caetano Beirão. O sr. Padre Caldas defendeu algumas vezes a candidatura do sr. D. Duarte, conforme documentos que possuímos em nosso poder. Relativamente ao que se relaciona com a J. M. podemos afirmar-lhe que varios dos seus membros concordam com a escolha de El-Rei D. Duarte II. Entre estes últimos encontra-se o illustre presidente da referida Junta, como á seu tempo se verá.

Por último dir-lhe hemos que o «Gil Vicente» é o órgão dos verdadeiros integralistas da Junta Municipal e não o órgão do nosso presado camarada e illustre presidente do Nucleo Integralista dos Empregados do Comércio, sr. Alves de Oliveira. O sr. Alves de Oliveira assumiu o cargo de secretario da Redacção do nosso semanario a pedido de varios membros da J. M., a quando da nossa forçada suspensão por motivos da falta de tipografia para a impressão do jornal. Efectuou varias demarches no sentido de o «Gil Vicente» ser impresso noutra localidade, o que já tinha conseguido, correndo todas as des-

pesas de viagens, á custa daquelle nosso camarada. Foi então que o sr. Padre Caldas, na ocasião em que o sr. Alves de Oliveira estava preparado para fechar contrato com uma tipografia doutra terra, conseguiu que o sr. Dantas continuasse a imprimir o «Gil Vicente» na sua bem montada tipografia.

No proximo numero responderemos á entrevista do sr. Caetano Beirão.

E pode *O Comércio* estar certo que ainda se ha-de arrepender destas afirmações baratas de passos... perdidos.

O tempo o dirá, quando nós um dia nos dispusermos á publicação de varios documentos do sr. Caetano Beirão e doutros adesivos nas mesmas condições.

Verá então o *beco sem saída* onde está metido.

E até á primeira.

CASA Nun' Alvares

L. Gonzaga

Rua da República, 55 — GUIMARÃES

Livraria, Papelaria, Tabacaria e Artigos Religiosos. Completo sortido em papelaria. Grande variedade em artigos religiosos, tais como: estampas, terços, medalhas, livros de missa e outros devocionarios. Livros de apologetica, Arqueologia cristã, inscrições e letreiros por Albano Bolino. Obras de Kneipp e outros auctores. Preços modicos.